

O PIPA e a cena artística neste começo de século XXI: história e desafios

O Instituto PIPA foi criado, inicialmente, para fazer a gestão do Prêmio PIPA. Isso em 2009. Entretanto, de saída, quando concebíamos o formato do Prêmio, já sabíamos que seria fundamental ir além da efeméride em torno da exposição dos finalistas no MAM-Rio e do artista premiado. O catálogo com todos os artistas indicados, o site com uma página para cada um desses artistas, a vinculação do Prêmio a uma residência internacional de prestígio e a premiação online serviriam para complementar o pacote, tentando contribuir de modo mais consistente com a cena contemporânea brasileira.

A partir de 2016 (depois de sair da curadoria do MAM-Rio), quando me tornei curador do Instituto PIPA, começamos a desenvolver uma coleção, indo além das obras dos artistas que ganham o Prêmio. Tomamos como conceito norteador da coleção a ideia de *deslocamento*, que nos parecia atravessar muitas poéticas neste começo de século XXI. Focamos em artistas que passaram pelo PIPA (seja indicado, seja finalista, seja premiado), buscamos, na medida do orçamento, adquirir obras pontuais deles e também comissionar projetos de interesse mútuo.

Desde 2017, temos realizado exposições desta coleção na galeria da Vila Aymoré, na Glória, partilhada com o Jacarandá¹. Estamos fazendo ali uma pequena reserva técnica e, a partir de 2019, a exposição dos finalistas acontecerá neste espaço e não mais no MAM-Rio. Em torno destas propostas desenvolve-se o Instituto PIPA. Sobre tudo isso, tendo em vista o contexto cultural brasileiro, procurarei discutir um pouco aqui nesta apresentação.

Por que criar um prêmio de arte contemporânea em 2010? Assim que assumi a curadoria do MAM-Rio, em 2009, Roberto e Lucrecia Vinhaes me procuraram no museu. Queriam ouvir sobre meus planos e analisar possibilidades de ajudar. Depois de um longo e simpático papo, duas determinações se apresentaram como fundamentais, independentemente do que fôssemos fazer: (1) manter o controle da gestão e a

¹ Um clube de artistas capitaneado por Carlos Vergara, Raul Mourão, José Bechara, Iole de Freitas, Chelpe Ferro, entre muitos outros, e coordenado por João Vergara. A ideia principal é ser um espaço de artistas e para artistas, com conversas, exposições, debates e muitas trocas a serem inventadas. Um espaço de oxigenação fora do circuito comercial e institucional.

coordenação do projeto a ser implementado; (2) investir direto no projeto, sem usar a renúncia fiscal do museu. A relação entre os dois pontos parecia-me bastante lógica e mesmo inusual no Brasil. Sabemos da importância da renúncia fiscal para a viabilização de projetos culturais no país. Todavia, há que se valorizar quem quer investir em projetos culturais sem este benefício fiscal, acreditando tratar-se de investimento determinante para o desenvolvimento do país e para a formação de uma cultura de liberdade e pluralismo.

Sáimos daquela primeira conversa com a ideia de que talvez a criação de um prêmio de arte pudesse ser uma opção interessante, assumidas aquelas duas diretrizes. O *Turner Prize* era um exemplo, especialmente por seu vínculo com a Tate. Tenho uma relação ambivalente com prêmios: por um lado, atiza uma competição que pode ser nociva no meio de arte – já tão sacudido pela pressão do mercado e pela carência de políticas públicas. Por outro, um prêmio como o PIPA dá visibilidade aos artistas (consequentemente às suas obras), ao museu e ao circuito de arte como um todo. Além, claro, de ajudar muito o artista vencedor.

Desta ambivalência veio a necessidade de se atrelar ao Prêmio PIPA alguns desdobramentos que o qualificassem culturalmente: publicar um catálogo, fazer um site bilíngue que pudesse servir de plataforma de pesquisa para todos os interessados em arte, produzir pequenos vídeos via Skype com os artistas indicados, realizar uma exposição no MAM-Rio, articular a participação na exposição como finalista à doação de uma obra para a coleção do museu e vincular o prêmio principal a uma residência internacional de três meses (inicialmente foi feita uma parceria com a Gasworks, de Londres, e depois com a Residency Unlimited, de Nova York).

Neste aspecto, cabe sublinhar que a doação feita pelo artista finalista ao museu seria em comum acordo entre as partes. Ressaltando-se a ausência de políticas de aquisição e tendo em vista a importância das coleções de museus para a formação de público e para a inscrição histórica dos artistas, esta seria uma estratégia justificável. Não se trata de substituir uma política de aquisição por uma política de doação. Isto seria uma distorção. Entretanto, o museu precisava deste engajamento conjunto (do Prêmio e dos artistas) para fortalecer sua coleção e qualificar sua inserção na cena contemporânea. Quem se sentisse desconfortável, seja com a ideia do prêmio, seja com a contrapartida

da doação, poderia não participar quando fosse indicado. Alguns artistas assim se manifestaram e essa discordância é saudável e sempre foi respeitada. Independentemente disso, cabe ressaltar que o Instituto PIPA, por sua vez, começou uma política de aquisição própria, que desde 2016 vem sendo fortalecida.

Uma questão colocada de início relativa ao modelo do Prêmio, era se abriríamos para os artistas se inscreverem livremente – como uma espécie de edital – ou se faríamos uma comissão de indicação, a mais abrangente possível, com os artistas participantes saindo daí. Optamos por esta segunda opção. Primeiro, pelas indicações já servirem como filtro, sublinhando que ela seria fruto do olhar daqueles que acompanham, sob diferentes perspectivas, o circuito de arte contemporânea. Em segundo lugar, para termos uma publicação e ela servir como um retrato de momento de nosso circuito, seria importante já haver algum filtro na indicação e ser um número limitado de artistas. Se já é trabalhoso atualizar o site e produzir os vídeos tendo em vista a quantidade de artistas indicados, se o prêmio fosse aberto a todos que quisessem participar, estes outros produtos e desdobramentos, que tanto nos interessavam, seriam absolutamente impossíveis. Toda escolha implica ganhos e perdas. Fazer escolhas implica defender um caminho, sabendo que outros são possíveis. Neste aspecto, cabe perceber a complementariedade entre o PIPA, o Prêmio Marcantônio Vilaça e o Rumos Visuais, do Itaú. As decisões são tomadas a partir do que já existe e visando contribuir dentro deste contexto.

Olhando retrospectivamente estes dez anos de Prêmio PIPA e de Instituto, é bastante claro seu vínculo com um conjunto de artistas que determinam o estado atual da arte. Não falo só dos vencedores, mas destes e dos finalistas. Se tomarmos todo o conjunto de artistas indicados, temos uma fotografia panorâmica da arte contemporânea e as microcenas que atuam aí dentro. Esta combinação entre o efeito do PIPA para a cena hegemônica e também para as outras cenas periféricas que são parte constitutiva e vital aí dentro, muito nos interessa. Por isso, procuramos, através dos indicadores, ter todos os anos representantes das várias regiões brasileiras, de norte a sul, assim como o olhar estrangeiro, o olhar das periferias urbanas, da cena indígena, enfim, dos muitos Brasis que são parte do mesmo país. Obviamente, há um foco (artistas com trajetória recente, porém já relevante) e não haveria como ter simetria entre as várias cenas. Todavia,

através do site e também do prêmio online, vemos que estas microcenas ganham visibilidade e são naturalmente fortalecidas. Este é um ponto crucial ao lidarmos com a premiação online – através dele os artistas com menos espaço e visibilidade se veem representados e ocupam um espaço que lhes parece importante para chegarem a um público para o qual eram invisíveis. É claro que, na hora da votação, há uma corrida ao voto que não garante a visibilidade qualificada. Mas passar de fase e ganhar muitos votos faz com que seus nomes sejam vistos e a visita ao site acaba qualificando a posteriori este empenho – para os artistas que ganham os prêmios online esse aumento de visibilidade é mais do que notável. Além disso, estes artistas se mostram sempre bastante recompensados com o resultado do ponto de vista de entrarem em um circuito do qual estavam ausentes. Ao longo dos anos, fomos aperfeiçoando o sistema de votação do PIPA Online, estudando maneiras de tornar a votação mais segura e justa. Se até ano passado era preciso ter uma conta no Facebook para votar, em 2019 estamos investigando a possibilidade de associar a votação a uma nova plataforma, acompanhando as mudanças da movimentação do público na internet. O que se mantém é o modelo do mínimo de três votos, posto em prática para incentivar que os votantes visitassem mais páginas de artistas.

O fato também de sairmos do MAM-Rio e irmos fazer a exposição dos finalistas na Villa Aymoré, nos obrigou a repensar o modelo do Prêmio. Há tempos que ouvíamos, especialmente da parte dos artistas, a sugestão para que os quatro finalistas ganhassem um valor mais equilibrado e não houvesse tanta assimetria entre finalistas e vencedor. Por isso, decidimos que cada um dos quatro finalistas ganhará agora R\$30 mil, sem obrigação de fazerem obra nova e doarão um trabalho para o Instituto PIPA, em comum acordo entre as partes. O vencedor escolhido por um comitê de premiação ganhará mais R\$30 mil, sendo que este valor tem como objetivo viabilizar um projeto do artista, apresentado em carta ao júri. Pode ser uma publicação, uma residência, um curso, enfim, a realização de um projeto específico, algo que o artista vislumbre como positivo para a sua trajetória.

O que vai se evidenciando é uma maior articulação entre Prêmio, exposição dos finalistas e Instituto PIPA. Tendo em vista nosso objetivo de qualificar a cena contemporânea, vemos agora o escopo mais amplo do Instituto se desenhando além do

Prêmio, que seguirá de vento em popa nesta nova configuração. Mas é igualmente relevante seguir com o site - uma plataforma online de apresentação e pesquisa de arte contemporânea – com a *newsletter* semanal, com a realização de projetos expositivos, e, aos poucos, com a consolidação de uma coleção própria que tem como um dos seus focos o comissionamento de projetos artísticos, que interessem tanto aos artistas como ao Instituto. Nestes dois anos passados, comissionamos uma videoinstalação de Daniel Beerstecher e financiamos a ida de Alice Micelli a Angola para finalizar a série *Campos Minados*. Já tínhamos na coleção a parte relativa ao Camboja e adquirimos as duas outras partes já realizadas e que não tínhamos, Bósnia e Colômbia, terminando agora com Angola. Por fim, comissionamos uma obra *site-specific* de Henrique Oliveira no espaço da Villa Aymoré, transformando e reinventando a escada que dá acesso às galerias. Uma escada-escultura-instalação. Como pode ser visto neste livro, outras obras foram adquiridas de artistas indicados ao Prêmio PIPA – Arjan Martins, Berna Reale, Luiza Baldan, Bárbara Wagner, André Grifo, Sofia Borges entre outros.

Por tudo isso, temos a convicção de que se há controvérsias em relação a aspectos relacionados ao Prêmio, o resultado destes dez anos de muito trabalho e dedicação é extremamente positivo para o circuito. Sempre estivemos atentos às críticas, ora assimilando-as, ora mantendo nossas posições. Internamente, conversamos e discutimos bastante, em um clima saudável e convergindo para o constante aprimoramento do Prêmio e, cada vez mais, do Instituto.

Por fim, queria agradecer a todos os amigos, colegas e artistas que participam deste livro respondendo a algumas perguntas que formulamos, cujas opiniões e breves reflexões servirão para dar mais luz a estes temas. Todos estes assuntos abordados e interlocutores convidados, de alguma forma, reverberam aspectos deste momento da arte contemporânea brasileira e, por isso, nos interessam para dar mais densidade a esta publicação. Não nos interessava um livro apenas laudatório, fechado na comemoração dos dez anos de Prêmio e da formação da coleção do Instituto, mas que trouxesse os debates que atravessam o dia-a-dia de quem convive com arte contemporânea. São respostas curtas, para uma leitura ligeira, mas com algum travo reflexivo. Um pouco de crítica em tempos de Twitter.

É com orgulho que me sinto parte deste projeto e espero que estes dez anos comemorados com esta publicação sirvam de estímulo para muitos mais pela frente.